

A recepção do folhetim pelo *Correio Paulistano*

Luzmara Curcino Ferreira*
Débora Cristina Ferreira Garcia**

RESUMO:

Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa ainda em andamento acerca de “O leitor de folhetins do *Correio Paulistano* no século XIX”¹. A discussão restringe-se à análise de dados referentes à primeira década de publicação do jornal *Correio Paulistano*, com o intuito de, apoiados em princípios teóricos da Semiótica e da História Cultural, mapear essas decisões técnicas e simbólicas que explicam a inserção desse tipo de seção num jornal, de início, tipicamente voltado para a publicação de atos oficiais.

Palavras-chave: Folhetim. Leitura. *Correio Paulistano*.

Introdução

O folhetim surge no século XIX em páginas de vários jornais da França e, graças ao sucesso obtido entre os leitores, este novo gênero textual e jornalístico expande-se vertiginosamente para diversos periódicos do mundo. No entanto, vale lembrar que o imaginário que compartilhamos atualmente a respeito desse gênero – como o de publicação de histórias de ficção seriada – nem sempre foi este. Marlyse Meyer (1996), grande estudiosa dos estudos sobre folhetim na França e de sua recepção nos jornais brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro do século XIX, destaca que a palavra folhetim, originária do termo francês *feuilleton*, recobre pelo menos três significados que, de certo modo, representam a evolução dessa seção jornalística.

Primeiramente, a palavra folhetim designa uma parte específica do jornal, geralmente o rodapé da primeira página, destinada principalmente ao entretenimento. Nela são publicados diversos tipos de textos: piadas, charadas, receitas culinárias e de beleza, críticas sobre as últimas peças de teatro ou sobre os livros recém-lançados. A miscelânea de textos que ocupa o espaço destinado ao folhetim começa a ser substituída paulatinamente por séries especializadas em assuntos de interesse do público da época, publicando-se, assim, críticas teatrais, resenhas de livros, etc.

É na década de 1830 que o termo folhetim ganha novo sentido, graças ao empreendedorismo de Émile de Girardin, proprietário do jornal *La Presse*, e de seu ex-sócio Dutacq, do *Le Siècle*, que incentivam a publicação da ficção em partes no rodapé dos seus jornais com o objetivo de assegurarem a fidelidade de seus assinantes e de atingirem um novo público leitor. O resultado da fórmula “continua amanhã” é sucesso entre o público francês e passa a ser copiado por diversos jornais do mundo. Alexandre Dumas e Eugène Sue são considerados os artífices máximos do folhetim da época.

Dumas descobre que, para prender a atenção e suscitar expectativas em seu público, é preciso pensar em uma forma de escrita inovadora. Sua proposta é escrever com diálogos vivos, criar personagens tipificadas e cortar os capítulos no momento certo. Não se esquece de colocar em sua receita elementos de suspense e do melodrama, o que é de suma importância para garantir o

envolvimento do leitor com o mundo da ficção por um período extenso de tempo. Com tais recursos, o romance folhetim se consolida em muitos cantos do mundo.

Percebe-se que em todo seu processo de constituição, o folhetim torna-se um espaço do jornal que visa primordialmente a atrair o maior número de leitores. Para tanto, os jornais deveriam não apenas baratear os preços de seus exemplares, como também criar novas seções que interessassem pessoas não mais dispostas a ler os enfadonhos artigos políticos. O folhetim aparece como uma dessas novidades. José Ramos Tinhorão (1994), autor que também se dedicou à pesquisa da história dos folhetins, demonstra a aceitabilidade do gênero entre os leitores franceses por meio de dados dos correios segundo os quais foi possível diagnosticar que “[...] os assinantes de 20 jornais em 1835 [que totalizavam] 70 mil em Paris, passaram no ano seguinte para 200 mil, embora tendo aumentado o número de jornais diários de 20 para 26” (TINHORÃO, 1994, p. 8).

A boa demanda de público gera benefícios não apenas aos donos dos jornais que veem melhoras no setor financeiro com o aumento das vendas e das assinaturas, mas garante também notoriedade aos folhetinistas, disputados a preço de ouro pelos editores. Yasmin Nadaf (2002), estudiosa do desenvolvimento histórico do folhetim e de sua ocorrência na imprensa mato-grossense, observa que a bem elaborada construção de “Le capitaine Paul” no *Le Siècle* rende o aumento de 5000 novas assinaturas ao jornal e um contrato de exclusividade do escritor como colaborador daquele veículo da imprensa.

No Brasil, a descoberta da mina de ouro do folhetim ocorre nos anos de 1830, criando, como é de se esperar, um público cativo. Em 1836, José Justiniano da Rocha, assim saúda a novidade da ficção em séries:

[...] abençoada invenção periódica; filho mimoso de brilhante imaginação, que trajas ricas galas, que te cobres de jóias preciosas, tu, que distrais a virgem de seus melancólicos pensares, o jovem estudioso de seus cálculos dinheirosos, o despreocupado proprietário de seu descanso insípido, o ardente ambicioso de seus planos ilusórios, tu que fazes esquecer o trabalho ao pobre, tu que fazes esquecer o ócio ao rico, permite, oh, permite, duende da civilização moderna, que nosso proselitismo te procure sectários em o nosso Brasil que é digno de adorar-te!!! (ROCHA, 1836, p. 1 *apud* MEYER, 1998, p. 120-121).

Os brasileiros, portanto, também aderem à moda folhetinesca. É certo que o folhetim no Brasil não atinge o mesmo apogeu de comercialização como na França, em que é lido e relido pelos operários, porteiros, costureiras, lavadeiras e pela classe abastada. No entanto, sabe-se que praticamente todos os jornais da capital, das províncias e até mesmo do interior das províncias publicam romances no rodapé da primeira página. De acordo com Meyer (1996), breves sondagens nos jornais de Campinas, de Guaratinguetá, de Ouro Preto, de Recife e de Salvador confirmam a presença dos folhetins e a reprodução de obras de Dumas, Ponson, Ohnet, Montépin, entre outros.

A estratégia jornalística dos folhetins provoca transformações no setor editorial com relação à venda de romances. Praticamente toda a ficção em prosa da época é publicada em folhetins de jornais e revistas para, depois, conforme o sucesso obtido, ser editado em volumes. No Brasil, por exemplo, a publicação do folhetim segue sempre à frente da venda dos volumes².

Meyer (1996) cita a estratégia editorial diante do sucesso de *O judeu errante*, escrito por Eugène Sue. Em meio à avalanche de reclames sobre sua saída no rodapé, aparecem também as chamadas dos volumes traduzidos à venda nas tipografias ou nas livrarias da corte. Às edições dos volumes traduzidos juntam-se as obras escritas em língua original e outras que recebem novos atrativos para

serem postas à venda, como é o caso de *Os mistérios de Paris*, que também começa a circular no comércio de livros em volumes com gravuras.

O teatro também se vale do prestígio do folhetim entre o público da época por meio das adaptações desses textos para os palcos. Até mesmo os acadêmicos ocupam-se da leitura desses textos e da análise de seus autores, como revela Meyer (1996) sobre um artigo crítico de A.P.S.³, intitulado “Rápido paralelo crítico entre Alexandre Dumas e Eugène Sue”, publicado na revista *Guaianá*, em 4 de julho de 1856.

Embora o Rio de Janeiro no século XIX represente o centro político e até mesmo cultural do país, não significa que os folhetins não tenham se expandido para outras províncias da colônia portuguesa. Mato-Grosso, Pará, Paraíba – estados já contemplados com estudos científicos sobre a história dos folhetins⁴ – também recebem a seção de folhetins entre os temas noticiosos e políticos que ocupam seus jornais. Em São Paulo, a inserção do gênero “ficção narrativa”⁵ acontece paulatinamente. No *Correio Paulistano*, mais especificamente, a repercussão da narrativa na seção folhetim também parece ter sido positiva, haja vista o aumento gradual de sua publicação no jornal analisado. Em um primeiro momento, a seção destina-se à exposição de textos variados: crônicas, críticas teatrais, cartas e algumas histórias de ficção. As crônicas trazem assuntos diversos: política, saúde, teatro, baile. Com o tempo, as séries passam a ser mais específicas: as crônicas abordam assuntos referentes à vida provinciana, as críticas teatrais destinam-se à avaliação das encenações e as cartas seguem o mesmo modelo proposto pelos cronistas. A narrativa ganha espaço gradual, uma vez que é quase nula nos primeiros anos de publicação do jornal. 1858 pode ser considerado o ano em que as ficções narrativas efetivamente começam a se destacar nas páginas diárias do *Correio Paulistano*, ao passo que as reflexões sobre os acontecimentos importantes da então província de São Paulo passam a ser escritas somente na seção de domingo. Antes de passar ao estudo da recepção do folhetim na década de 1850, faz-se necessário apresentarmos brevemente como se constitui o jornal *Correio Paulistano*.

O *Correio Paulistano* e a publicação de folhetins

O *Correio Paulistano* aparece efetivamente em 26 de junho de 1854 e circula até meados do segundo semestre de 1963. O primeiro número é impresso em quatro páginas de papel florete, de 37 por 28 centímetros, divididas em três colunas. Sua tiragem inicial é de 450 exemplares em uma comunidade de aproximadamente 22 mil habitantes.

Ângela Thalassa (2007), pesquisadora que verifica a forma como o *Correio Paulistano* recebe a Semana de 1922, ao analisar o formato do *Correio Paulistano* durante os anos de sua publicação, detecta períodos de crescimento e de retração de seu formato, sempre atrelados à autorização ou à proibição do poder público para a publicação dos atos oficiais. A autora supracitada mostra que a partir de 14 de fevereiro de 1855, o *Correio Paulistano* aumenta de tamanho para publicar os atos da Assembleia Provincial, mas retorna ao formato original logo que essa fonte de recursos se esgota. Inseridos em uma população predominantemente analfabeta e com uma pequena classe letrada que não tem o compromisso forte com a leitura dos impressos, os donos de jornal da época não poderiam dispensar a ajuda financeira do poder público.

O fundador do *Correio Paulistano*, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, não poupa esforços para manter o periódico em circulação nem para introduzir melhoramentos quanto à estrutura técnica de impressão de seu jornal. Em 1863, a aquisição da primeira máquina de aço da imprensa paulista, Alauzet tipo A, permite a remodelação do periódico e, com isso, há o aumento de sua tiragem para 700 exemplares diários. Despertada pela curiosidade sobre a nova máquina, a população chega a

fazer romaria para ver o novo processo de impressão. Já em 1869, o jornal investe novamente em equipamentos de impressão e compra uma máquina a vapor, aumentando ainda mais o número de impressos.

Quanto ao conteúdo, conforme prospecto publicado em sua primeira edição, o *Correio Paulistano* coloca-se como instrumento capaz de oferecer uma imprensa “livre” aos cidadãos, trazendo a informação dos fatos mais importantes da vida social e política do país e do mundo, dando preferência a alguns assuntos como o expediente da presidência, transcrições das seções da Câmara Municipal, notícias sobre o funcionalismo público – assunção, mudança e exoneração de cargos – notas sobre gastos públicos, assuntos do exterior e de outras províncias. A leitura rápida desse jornal paulistano, durante a década de 1850, permite a afirmação de que seu formato é muito semelhante ao do *Diário Oficial* da atualidade.

A “Parte Oficial” é geralmente a primeira seção do jornal e traz expedições e deliberações sancionadas pelo presidente da província. Para evitar qualquer erro de comunicação dos atos oficiais, a linguagem usada nesse espaço do jornal, informando pareceres e nomeações, deve ser bastante técnica. Além das questões administrativas, há outra seção que se ocupa das seções ordinárias da Câmara. Nesse espaço, o leitor se informa de tudo o que acontece no poder legislativo da província. A seção é transcrita sob a forma de ata e descreve de maneira fiel as falas dos envolvidos nas discussões, como se pode verificar no trecho abaixo:

Seção ordinária aos 29 de setembro de 1859

Presidente Dr. Salles Guerra

As 11 e meia horas da manhã, reunidos no paço da câmara municipal os senhores vereadores Salles Guerra, Azevedo Junior, Leandro de Toledo, Porfírio Marques Cantinho e Rodovalho, o senhor presidente declarou aberta a sessão. Sendo lida a acta antecedente, e estando a discussão o senhor Marques Cantinho, observou quanto ao desempate que esta câmara procedeu na sessão passada sobre os eleitores da Santa Ephigenia deve ficar de nenhum effeito, visto ter esta câmara feito desempate na sessão de 10 de outubro de 1857, e verificando-se pelo livro de registro das sessões achou-se ser exacto: com esta observação foi approvada a acta (*Correio Paulistano*, 3 de outubro de 1859, p. 1).

Com um formato mais técnico e conciso, o *Correio Paulistano* parece ser um jornal que circula por um público mais seletivo. Sabendo que São Paulo naquela época ainda é um burgo em desenvolvimento e que ainda conta com número alto de analfabetos, pode-se inferir que os prováveis leitores desse periódico sejam os estudantes, os funcionários públicos, os comerciantes, enfim pessoas que provavelmente se interessam pelos fatos ali relatados.

Publicada logo no segundo número do periódico e estendendo-se por um longo período, a seção folhetim do *Correio Paulistano* apresenta-se de uma maneira diferente ao público se comparada às demais seções do jornal. Trata-se de uma parte do jornal cujo conteúdo é de leitura mais amena, semelhante à conversa entre amigos, com fins de entretenimento.

Com esse tom, a crônica predomina na primeira década de publicação do folhetim no *Correio Paulistano*. Os textos aí escritos têm como objetivo instigar a reflexão dos leitores a respeito dos assuntos de importância no momento, como a segurança, a higiene pública, a administração da província e os maus costumes da população. Mais do que registrar os fatos, as crônicas captam o social, suas

circunstâncias e suas implicações de uma forma literária, ocupando um espaço específico do jornal destinado à formação dos cidadãos. O levantamento desse material oferece um rico histórico sobre a cidade de São Paulo daquela época. Percebe-se um vilarejo pacato, de infraestrutura elementar e modo de vida simples iniciando um processo de transformação que atinge não só a administração pública como também os costumes ainda rudimentares da população.

As críticas teatrais aparecem como outro gênero bastante comum na primeira década de publicação do folhetim. De acordo com Alberto de Sousa (1904, p. 13), “além das partidas familiares nas casas abastadas e dos famosos saraus das noites do Cassino, os paulistas amavam a arte dramática e o *theatro lyrico*”. Daí a importância de uma seção do jornal que se dedique à apreciação desse gênero. As críticas teatrais, visando o aprimoramento da vida cultural paulistana, responsabilizam-se pela avaliação minuciosa das apresentações – do cenário à postura do ator no palco. O papel do crítico é o de produzir um discurso didático e pragmático, propondo formas corretas de ação de todos os envolvidos para alcançarem o sucesso das apresentações. Reitera-se a noção de precariedade do vilarejo, agora em relação à cultura – falta de ensaios, descompromisso com a produção do cenário e com o figurino, prédio e acomodações rudimentares.

A ficção narrativa, como dito anteriormente, aparece gradativamente no folhetim do *Correio Paulistano*. A primeira aparição desse gênero se dá um ano após a inauguração do jornal, em 1855, com a publicação de “Joannita”, romance assinado por Casimiro Henrycy. A narrativa se estende de 24 de janeiro a 17 de novembro de 1855. Após esse período, a ficção só reaparece em agosto de 1856 com a publicação de “Quinta das giestas”, escrita por Etienne Enault. Em janeiro de 1857, verifica-se a edição de apenas um conto fantástico, de autoria desconhecida, “O barbeiro de Nuremberg”. Só em 1858 é que a ficção narrativa faz-se mais presente, com a publicação de “A lagoa do diabo”, romance francês anônimo; “Alberto”, escrita por F. A. da Luz (Francisco Antonio da Luz); “Guilherme de Cloudeville”; “O castello de trezentas e sessenta e cinco janellas”, ambos sem indicação de autoria; “Clara”, narrativa assinada pelas iniciais J.V. Em 1859, as narrativas, principalmente amorosas, ainda imperam, como “A Cruz Preta”, outro romance de F. A. da Luz; “A donzella allemã”, romance de Eugênio Scribe que tem o mais longo tempo de duração no jornal, de 22 de dezembro de 1858 a 2 de outubro de 1859.

Percebe-se que as narrativas que se sucedem no rodapé do *Correio Paulistano* da década de 1850 são, em sua maioria, traduções de autores franceses, fato muito comum entre os países que importam o modelo de sucesso desse gênero jornalístico. No entanto, ainda não são publicadas as obras dos folhetinistas franceses que alcançaram grande destaque entre o público como Paul Féval, Paul de Kock, Eugène Sue, Alexandre Dumas.

Dois narrativas parecem se desvirtuar do modelo de imitação até então caracterizados pela criação ou tradução de narrativas que se passam em Portugal, na França, ou na Itália. “Alberto” e “A cruz preta” são escritas por um autor nacional, F.A. da Luz. Em “Folhetim de domingo”, do dia 17 de outubro de 1858, um cronista, pela primeira vez, saúda um folhetim de ficção, advertindo que o novo escritor brasileiro tem todas as atribuições para fazer sucesso no gênero. Segundo o crítico, “Alberto” é uma narrativa de estilo fácil e simples, mas por sua constituição certamente se sobressairá aos olhos da crítica e terá alguma glória para a literatura. É interessante ressaltar que o cronista, logo após os elogios, faz um pedido ao jovem romancista:

Os romances nacionaes foram entre nós um mytho, até o apparecimento do *Guarany*. Não digo que este seja um modelo, porque não o é, mas estou que o autor de *Alberto*, lendo-o hade muito aproveitar para o trabalho de nacionalisação

do romance brasileiro. E o conselho que lhe dou, é que estude com fervor a historia patria e metta-se a romantisar as bellas tradições e os fatos dramaticos que ellas nos offerece [...] pois trabalhe o autor de *Alberto* para sel-o o nosso Bernardio St. Pierre, dê nos um romance que seja para nós, o que é *Paulo e Virginia* pra a Ilha de França (*Correio Paulistano*, p. 1).

O crítico, por meio da análise do folhetim de F. A. da Luz, incentiva o autor brasileiro a buscar uma identidade nacional não só nos folhetins, como também nos romances que circulam na província. Os autores têm à sua disposição uma tradição muito rica para explorar e transformar em romances nacionais. Em “Alberto”, por exemplo, tem-se uma narrativa que se passa na província de São Paulo, retratando a vida social e estudantil daquela época e, como não pode deixar de ser, centra sua atenção sobre o romance impossível de Alberto e Julieta.

Pontos em comum entre as narrativas folhetinescas do *Correio Paulistano*

O primeiro fator que chama a atenção quando se analisa as histórias publicadas na seção folhetim da primeira década do surgimento do *Correio Paulistano* é que a maioria tem títulos atrelados ao nome de personagens – “Joannita”, “Alberto”, “Clara”, “Madame Leblanc” – ou a uma de suas características – a “Orphã”, a “Donzella alemã: ou os olhos de minha tia”. Ao definir um ator, o autor procura criar um efeito de sentido de verdade, aproximando o leitor daquilo que será narrado. Com relação ainda à apresentação das personagens, percebe-se um cuidado em descrevê-las minuciosamente com o intuito de fazer com que o leitor crie uma imagem dessa figura com a qual vai conviver durante um determinado período, seja compartilhando os sentimentos arrebatados desses sujeitos, seja recriminando as atrocidades de que foram vítimas.

Vale lembrar que as personagens principais dos folhetins, mesmo que tentem se assemelhar aos sujeitos reais deles diferem, porque não são multifacetadas, ou seja, não expressam toda contradição da natureza humana, não evoluem ao longo da narrativa. Caracterizam-se como personagens tipo, haja vista a demarcação tão recorrente nesses textos entre os sujeitos bons e os maus. Essa estratégia de construção de personagens parece ter raízes no melodrama, já que uma de suas características é a intensificação das virtudes e dos vícios das personagens, sejam elas vilãs ou heróis. Para isso, a estrutura dramática do melodrama, conforme descreve Jesus Martin-Barbero (1997, p. 162), apoia-se em quatro sentimentos básicos – o medo, o entusiasmo, a dor e o riso – aos quais correspondem quatro tipos de situações que se configuram simultaneamente como sensações – terríveis, excitantes, ternas e burlescas. Cada uma delas, por sua vez, será personificada por um dos quatro personagens – o Traidor (figura que representa o mal, o sedutor, o impostor), o Justiceiro (aquele que se responsabiliza pelo salvamento da vítima), a Vítima (heroína) e o Bobo (responsável pelo relaxamento da plateia, graças ao seu tom cômico).

No folhetim, a luta entre o Bem e o Mal está baseada em três personagens essenciais: o herói, a heroína e o vilão. Há nesses textos a expressão de uma exigência moral, ou seja, deve-se punir o vilão e recompensar o herói e a heroína. Para que isso fique claro aos leitores, as características de cada personagem devem ser marcantes, para que se distinga o bom sujeito do mau.

Os heróis dos folhetins são apresentados como indivíduos simples e de bom caráter que, mesmo nas horas em que sentem vontade de vingança, restabelecem-se moralmente e se mantêm fiéis a seus princípios. São personagens que, de alguma forma, comovem o leitor por sua biografia, produzindo

consequentemente identificação. Heitor, personagem do folhetim “Joannita”, conta com sofreguidão alguns momentos de sua vida que comovem as personagens:

[...] de ha muito que perdi minha família. Bem jovem era quando morreu meu pai e minha mãe e mui vaga recordação conservo delles. Restava-me uma tia, digna e santa mulher que fez-me as vezes de mãe. Havia concentrado nella todas as minhas afeições.

Um dia, voltava eu das Antilhas, minha primeira viagem; chego á casa quasi sem fôlego; tinha pressa de abraçal-a; foi porém rosto estranho que me veio receber na soleira da porta. Deos havia chamado a si aquella que com razão tinha para mim o nome de mãe. Oh! chorei-a muito; não tinha de quem esperar uma unica palavra de consolação. Assim, vós o vêdes, as alegrias de família são para mim desconhecidas. [...] Pois bem, minhas senhoras; continuou o mancebo: o que me era em extremo penoso, era o não ter a quem amar, e a lembrança que toda vez que tinha que deixar meu paiz me assaltava “ninguem deixas que em ti pense – que por ti ore – e que te lastimes se morreres” (*Correio Paulistano*, 26 de janeiro de 1855, p. 1).

O tom dramático das revelações sobre a vida dessas personagens comove o leitor, contribuindo para seu envolvimento com a trama. Além disso, realça o lado bom desses sujeitos, diante da arbitrariedade da vida ou das dificuldades impostas pelas personagens que encarnam o mal.

Outra figura também recorrente e marcada pela bondade é a da jovem menina apaixonada. Esse tipo é normalmente descrito como uma jovem mulher resignada, educada, submissa e que a todos agrada. Como quase todas são muito semelhantes, far-se-á apenas a reprodução de algumas descrições sobre o perfil geral dessas moças. Em “Quinta das giestas”, a jovem Isoleta e sua grande amiga são assim descritas:

Via-se-lhe em frente duas mulheres de uma belleza admirável, que poderiam, ao primeiro golpe de vistas, passar por irmãs; tantos eram os traços de semelhança. Era o mesmo talhe suave e harmonioso, os mesmos traços finos e delicados, os mesmos olhos, sempre cheios de ternura e vivacidade; ainda – o mesmo aspecto, as mesmas formas – de uma exquisita pureza: bastaria mirar uma – para conhecer ambas (*Correio Paulistano*, 24 de janeiro de 1855, p. 2).

No folhetim “A donzella allemã”, a personagem principal Thecla também é descrita como uma linda jovem que a todos causa admiração, como se observa no comentário feito por uma das personagens da história ao se deparar com a heroína:

Houve como um grito de admiração, e eu mesmo, confesso-te, que já estava sentado á mesa, fiquei como immovel de surpresa, com a penna e a mão no ar. A noiva estava vestida de branco, e o marido com os mais ricos estofos e coberto de diamantes. Não vi nada disso... Só vi ella... estava pallida, porém era bella, a tal ponto que não sei explicar-te... Um desses desenhos ideaes que não existem que se vê nos quadros; que se lê nos romances, mas que não se encontram nunca na vida ordinária e usual.

[...] Meu amigo: não há nada que pinte nem iguale os olhos de tua tia, e eu concebo a fascinação do general, concebo que tenha perdido a cabeça por ella, pois que eu mesmo, eu notário... perdi a palavra por algum tempo. São olhos tão puros, tão límpidos ao mesmo tempo tão brilhantes e tão seductores, olhos de anjo e de menina (*Correio Paulistano*, 22 de fevereiro de 1859, p. 2).

Além das características físicas, as jovens também são descritas por suas boas condutas. As cartas escritas por Thecla revelam uma moça bastante submissa. Em uma ocasião, seu pai aposta todas as economias em uma bolsa de valores e perde tudo. Por isso, ela decide aceitar o pedido de casamento do conde, um senhor de 65 anos, propondo ser fiel, cuidadosa e submissa ao homem que não permite que a vergonha de seu pai seja exposta.

As mulheres – descritas pelo narrador – assumem a feição de figuras angelicais, recatadas. Quando sofrem as injustiças do mundo ou das pessoas, mantêm-se celestiais, serenas, puras, enfim, incapazes de agredir qualquer indivíduo que seja. Além disso, têm sempre uma palavra doce para consolar, elogiar os outros.

O terceiro tipo recorrente de personagem são aqueles sujeitos que se opõem à união do casal. Esses sujeitos assumem todos os traços negativos e são capazes de qualquer coisa para concretizar seus objetivos. Em “Joannita”, a personagem William é caracterizada como má. Trata-se de um indivíduo ardiloso que comete várias crueldades para distanciar Joannita de Heitor. Ele foi capaz de raptar mãe e filha e abandonar aquela em uma ilha deserta, ato para o qual é preciso “[...] não ter alma, nem temor de Deos, para praticar o que elle acaba de praticar” (*Correio Paulistano*, 08 de maio de 1855, p. 1).

A maioria dos textos narrativos que trata de assuntos amorosos descreve o oponente como um sujeito masculino e maldoso. No entanto, em duas narrativas folhetinescas – “Quinta das giestas” e “O castello de trezentas e sessenta e cinco janelas” – a figura feminina do oponente tem constituição que difere da masculina. As mulheres quando agem com intuito de destruir o amor são logo surpreendidas pelo sentimento de remorso e tentam restabelecer a harmonia anterior do casal.

Em “O Castello de trezentas e sessenta e cinco janellas”, a mulher que assume o papel de oponente é Gertrudez. Ela se apaixona pelo conde, marido de Ignez, bem antes de seu casamento, mas não consegue esquecê-lo. No momento em que o conde de Gontrand é chamado para servir o exército do rei Luiz XIV, deixando sua amada adoentada no castelo, Gertrudez é uma das mulheres que vai cuidar de Ignez em sua convalescência. Enquanto espera a volta do marido, Ignez recebe uma visita enigmática que aguça a curiosidade da criada Gertrudez. Esta acredita que o visitante seja um amante de Ignez. Com vontade de se vingar do conde, a aldeã o espera e, no momento em que ele aparece, conta tudo o que viu e ainda diz ter como prova um suposto presente dado pelo amante, um colar que Ignez carregava no pescoço. O ciúme faz com que o conde atire a mulher pela janela do castelo. Arrepentida, durante a cena, Gertrudes tenta inocentar a jovem, mas é tarde demais. No dia seguinte, encontram uma carta da irmã de Ignez que lhe confessava o amor por um capitão da guarda. A irmã tinha a intenção de fugir com o namorado, já que o pai não consentia essa união. Antes da fuga, as irmãs marcam um encontro no castelo para despedida. Descobre-se que o desconhecido era Clotilde d’Arteville, irmã de Ignez.

Retratar o sexo feminino, como um ser angelical, sinônimo de doçura, compreensão e submissão aos pais e, posteriormente, aos maridos, mesmo quando se veem envolvidas por sentimentos de raiva ou vingança, diz respeito às representações da mulher que vigoravam no período. Embora na segunda metade do século XIX o sexo feminino já consiga fazer parte da vida social, frequentando bailes, saraus, há ainda uma visão conservadora de suas atribuições e ações. Como o público feminino também começa a se interessar por esse tipo de literatura, nada melhor do que reforçar o papel que a sociedade lhe atribui.

Vê-se que as personagens, embora sejam descritas de forma que se quer o mais realista possível, de modo a produzir identificação com seus leitores, a quem se deve agradar, mas também formar,

elas não o são, na medida em que são compostas em torno de uma só característica, ou elas são extremamente boas ou extremamente más. Trata-se de um recurso muito utilizado na literatura de massa, pois cria uma figura prototípica do imaginário coletivo dos leitores.

Além da figura do oponente, há outros fatores que impedem a união do casal, geralmente associados aos segredos de família. Ao final da narrativa, o casal é surpreendido pela descoberta de que são irmãos, por exemplo. Mais uma vez, pune-se a má conduta, no caso a mentira, mostrando que a verdade sempre será revelada.

Outra forma de aproximar o leitor daquilo que é narrado diz respeito à descrição dos ambientes⁶. Toda a narrativa folhetinesca analisada mostra a preocupação do autor em apresentar minuciosamente os espaços habitados pelas personagens. Como exemplo dessa estratégia de descrição de espaços, pode-se citar o folhetim “O castello de trezentas e sessenta e cinco janellas”. Trata-se de uma narrativa em que as personagens tentam desvendar o mistério que envolve a janela de um antigo castelo. Essa janela manteve-se intacta durante anos e ninguém, nem mesmo os grandes sábios da região, foi capaz de fechá-la. Com o objetivo de conhecerem melhor o caso, as personagens são levadas à casa de uma senhora, conhecida como tia Lardeuil. No momento em que entram na casa da tia Lardeuil, o narrador interrompe a ação para descrever o ambiente. Assim, o leitor é conduzido pelo narrador para dentro da sala onde se passa a cena por meio da descrição minuciosa dos detalhes dos objetos que compõem o ambiente, como se vê em:

O interior da sala onde acabamos de entrar tinha um ar de acieio que alegrava a vista. A mobília compunha-se de um leito com cortinas de sarja de ramagens, de uma mesa de nogueira, de algumas cadeiras do mesmo gênero e de uma longa poltrona de couro, de que se servia a tia Lardeuil; por cima da chaminé havia um Menino Jesus em uma maquina de vidros, reliquias santas, uma cruz da Legião de Honra e vasos cheios de flores artificiaes (*Correio Paulistano*, 5 de dezembro de 1858, p. 1).

Ao se dirigir ao leitor, o narrador o trata como personagem que acompanha o desenrolar das histórias. Na passagem de uma cena para a outra, o narrador descreve o novo ambiente, como se pode observar no trecho do romance “Joannita”, em que, de um aposento da casa de D. Manuela, mãe de Joannita, o leitor é conduzido à sala do amigo e do vizinho, o Sr. Goldsmith:

Em quanto que na varanda da casa da senhora S. Lourenço se trocavam palavras tão cordiaes, Goldsmith estava sentado em frente a seu sobrinho em seu salão rico, mas extravagantemente decorado. Ao longo das paredes viam-se algumas batalhas navaes, mas em quadros vaporosos onde o artista só havia empregado o fumo, sobre o pretexto máo de que o fumo impede que se veja. No lugar mais á vista, havia um grande sabre pendurado horisontalmente por sobre duas pistollas. Seguiam-se – bronzes, e porcellanas de preço confundindo-se promiscuamente com obras de conchas e pássaros empalhados. Porém: entre os objectos dignos de attrahir a attenção para esta especie de museo, via-se sobre a chaminé separadas por uma pendula phenomenal, duas estatuas que poderiam, de longe ser tomadas por naydes desgrenhadas. Representavam, no entanto os deuses de Goldsmith, - o *general Bonaparte e o almirante Nelson* [...] (*Correio Paulistano*, 26 de janeiro de 1855, p. 2).

A essa caracterização bem detalhada do cenário soma-se a descrição de hábitos que definem a comunidade onde se passa a história. A vida estudantil é um dos assuntos que mais se reitera nas

narrativas. Isso não sem razão, se considerarmos que eles são muito provavelmente um segmento importante de público leitor/consumidor do jornal. Em “A cruz preta”, Carlos, um estudante que sempre se dedicou aos livros, vai a um baile da cidade de São Paulo, onde conhece Clementina e por ela se apaixona. Durante o desenvolvimento da história, o narrador comenta a presença marcante de associações do meio discente nesses locais, que frequentemente se reúnem para discutirem “[...] a influência dos acontecimentos notáveis, sobre o destino da humanidade, a existência dos grandes homens, e outros pontos destes prestam-lhes matéria abundantes para longas e animadas discussões” (*Correio Paulistano*, 07 de outubro de 1859, p. 1).

Considerações finais

Vê-se pela breve análise dos textos que ocupam a seção folhetim do *Correio Paulistano* na primeira década de sua existência (1850), que as histórias de amor, de infelicidade, de vingança, de conspirações, de mistérios e de segredos, de perseguições e de fugas espetaculares ocupam progressivamente esse espaço do jornal. De fácil apelo sentimental, aos olhos do leitor desenha-se o sofrimento humano ao mesmo tempo em que ele se fascina pelas situações dramáticas e apaixonantes levadas ao exagero.

Os recursos presentes nessas narrativas de ficção, emprestados principalmente do melodrama, visam à manutenção da expectativa angustiante do seu público, alcançando os objetivos inicialmente propostos por Girardin ao incluir a seção de histórias seriadas no rés-do-chão de seu jornal, qual seja a fidelidade do público e a absorção de novos leitores.

Adequado aos gostos, ao interesse e à capacidade de leitura da população, o folhetim torna-se um meio de comunicação de massa, como acontece com as telenovelas da atualidade. Assim como as novelas se dividem de acordo com os objetivos que as determinam – entreter, mostrar peculiaridades de uma época por meio da ficção ou despertar a consciência crítica de seus telespectadores – os folhetins também o fazem.

As histórias de amor, aparentemente voltadas para o puro deleite, avaliam a conduta de suas personagens. A recompensa ao herói salvador e à mulher virtuosa e a punição do vilão podem ser boas estratégias para educar a sociedade, e para valorizar comportamentos socioculturais em detrimento de outros.

Percebe-se que esse espaço folhetinesco abre-se para um público maior do que aquele interessado pelas crônicas, cartas e críticas teatrais que dividem esse espaço com a narrativa ficcional. O folhetim de narrativas ficcionais visa despertar o interesse de outras comunidades leitoras, de outros segmentos, tais como os estudantes e as mulheres, em geral.

Do leitor mais simples que se atém à superfície do texto e vê nas narrativas uma forma de entretenimento ao sujeito mais reflexivo que lê criticamente tais textos, o folhetim se apresenta a segmentos de leitores de diferentes classes, apoiando-se no sucesso já obtido com esse gênero editorial em terras estrangeiras.

Embora haja o predomínio de publicações de folhetins estrangeiros nessa seção do jornal *Correio Paulistano*, observa-se nessa primeira década de publicação a presença ainda que tímida de um escritor local, da província, condizente com os princípios nacionalistas que começam a vigorar no Brasil, em nome da formação de uma identidade nacional manifesta nos textos produzidos e que circulam, nesse período, em terras brasileiras.

The *feuilleton's* reception by *Correio Paulistano*

ABSTRACT:

This article presents some results of research still in progress about “The *feuilleton's* readers of *Correio Paulistano* in the nineteenth century”. This discussion is limited to analysis the first decade of publication of *Correio Paulistano's* *feuilletons*. The aim is, supported by theoretical principles of Paris Scholl of Semiotics and Cultural History, to detect the techniques and symbolic decisions that explain the inclusion of such section in a newspaper typically geared for publishing officer acts.

Keywords: *Feuilleton*. Reading. *Correio Paulistano*.

Notas explicativas

- * Professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição.
- ** Pós-doutoranda junto ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar.
- ¹ Projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, sob a supervisão da Professora Dr^a Luzmara Curcino Ferreira, e financiado pela FAPESP (processo 2012/06457-0), cujo objetivo geral é o de discutir as razões da inserção e as formas de recepção da ‘seção folhetim’ na então província de São Paulo.
- ² Além dos benefícios financeiros para os donos dos jornais, editores e escritores, o folhetim fomenta um novo mercado editorial de romance romântico, na medida em que atinge novos leitores que se identificam com esse tipo de leitura.
- ³ Não foi possível identificar o nome do autor dessa crítica. Conforme aponta Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007), desde os primórdios da imprensa brasileira era muito forte a tendência ao anonimato ou ao uso de pseudônimos ou das iniciais do nome dos autores tanto nos jornais da Corte como nos provincianos. Essa prática estava muito atrelada à necessidade de proteção seja da autoridade, seja da reputação de alguns escritores.
- ⁴ Para maiores informações, consultar NADAF, Yasmin. *Rodapé de miscelâneas*. CIDADE: 7 Letras, 2002; No Pará, há pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Pará, intitulada *Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação de romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880; Jornais e Folhetins Literários da Paraíba do século XIX* constitui um subprojeto desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba.
- ⁵ Escolheu-se essa nomenclatura para abarcar todos os tipos de narrativas publicadas na seção folhetim do *Correio Paulistano*, desde os contos até os romances folhetinescos propriamente ditos
- ⁶ Mais uma estratégia que também está ligada ao melodrama.

Referências

- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. 104 p.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 356 p.
- MEYER, Marlise. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 348 p.
- _____. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 472 p.
- NADAF, Yasmin. *Rodapé de miscelâneas*. Cidade: 7 Letras, 2002. 426 p.

SOUSA, Alberto de. *Memória histórica sobre o Correio Paulistano*. São Paulo: Typographia a vapor Rosenhain & Meyer, 1904. 78 p.

THALASSA, Ângela. *Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna – “jornal que não ladra, não cacareja e não morde”*. São Paulo. 2007. 158 f. Dissertação Mestrado em Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994. 99 p.

Recebido em: 15 de maio de 2013

Aprovado em: 24 de outubro de 2013